

A prototipicidade em verbetes de dicionários escolares

Prototypicality in entries of school dictionaries

Everton Castro de Almeida
Ana Grayce de Freitas Sousa

Universidade Estadual do Ceará – UECE – Fortaleza – Ceará – Brasil



Resumo: A Lexicografia Teórica é a disciplina que, em linhas bem gerais, estuda e critica os dicionários. Ela se interessa em pressupostos de outros campos de estudo, como a Linguística textual, a Pragmática e a Multimodalidade, uma vez que estes podem apresentar outra dimensão do léxico. Dessa maneira, utilizamos as bases da Teoria dos Protótipos, sob a perspectiva das ciências cognitivas, para nossa análise. Nesse sentido, este trabalho objetiva identificar e descrever a prototipicidade em verbetes dos cinco dicionários escolares da lista do PNLD 2012. Para tanto, nos baseamos nos pressupostos teóricos de Pontes (2008; 2009), Geeraerts (2007). Analisamos cinco verbetes, um de cada dicionário tipo 3.

Palavras-chave: Prototipicidade. Verbetes. Dicionário escolar.

Abstract: Theoretical Lexicography is the discipline which, in a general way, studies and criticizes the dictionaries. It is open to the theoretical contribution from other fields of research, such as Text Linguistics, Pragmatics, and Multimodality, once they may show another lexical dimension. Thus, we base our analysis on the theoretical support from Prototypes Theory, from cognitive sciences. In that sense, this paper aims to identify and describe the prototypicality in entries from the five type 3 dictionaries from the PNLD 2012 (National Plan for the Didactic Books). In order to do so, we use theories from Pontes (2008; 2009) and Geeraerts (2007). We analyze five entries, one from each dictionary type 3.

Keywords: Cognitive Semantics. Expectation. Implicitness. Mind.

1 Introdução

As Ciências Cognitivas apresentaram notável desenvolvimento nas últimas décadas em função das recentes descobertas sobre o funcionamento do cérebro. Os novos pressupostos teóricos por elas estabelecidos conferem ao léxico das línguas grande importância enquanto foco de estudo. A Lexicografia Teórica, disciplina que tem como objeto de estudo o dicionário, apresenta interesse nas teorias cognitivistas, no sentido de que estas apresentam outra dimensão das palavras. Dentre essas teorias, destacamos a *Teoria dos Protótipos*, que afirma que

as categorias são baseadas em exemplares mais prototípicos. A par disso, esta pesquisa procura investigar a prototipicidade em verbetes de dicionários escolares.

A nossa hipótese é de que o dicionário traz no seu paradigma definicional definições baseadas em protótipos. Dessa forma, defendemos neste trabalho que é possível encontrar nos dicionários, por vezes, descrições baseadas em protótipos. Para comprovar tal afirmação, coletamos verbetes dos cinco dicionários escolares do tipo 3 selecionados pelo PNLD 2012, em que percebemos a existência do fenômeno e o descrevemos.

Justificamos a escolha do *corpus* analisado por acreditarmos ser importante a condução de pesquisas com dicionários escolares, em função de possíveis contribuições ao ensino de língua portuguesa, pois, ao entendermos o funcionamento das estruturas dessas obras, estaremos mais capacitados a auxiliar os alunos a usar eficientemente esse precioso material didático.

Pelo que foi exposto, esta pesquisa objetiva identificar e descrever a presença de definições baseadas em protótipos nos dicionários analisados.

Neste artigo, inicialmente, estabelecemos a área dos estudos do léxico na qual esta pesquisa se situa. Após isso, discorremos sobre as teorias cognitivas que somam pressupostos para as nossas análises. Em seguida, detalhamos nossa metodologia e desenvolvemos as análises, que antecedem nossas considerações finais.

2 Sobre o estudo dos dicionários

Dentre as ditas Ciências do Léxico, destacamos a Lexicografia Teórica – ou Metalexigrafia –, que, em linhas bem gerais, tem o dicionário como objeto de estudo. Por sua vez, o dicionário consiste em uma tecnologia que descreve e instrumentaliza uma língua, além de consistir em um dos pilares do nosso saber metalinguístico (AUROUX, 1992, p. 65 apud PONTES, 2009). No seu texto, podemos encontrar as mais diversas informações sobre a porção do léxico de uma língua nele apresentada, de acordo com os propósitos específicos da sua elaboração. Quanto a algumas características estruturais dos dicionários, Pontes (2008, p. 29) afirma que:

O dicionário é um repertório de palavras que se organiza, na maioria das vezes, por ordem alfabética, por razões de comodidade de consulta. Nele há informações gramaticais, semânticas e pragmáticas. Desse modo, encontram-se, no dicionário, aspectos relativos à natureza e ao gênero gramatical das palavras, sua forma gráfica e sonora, sua etimologia, sua significação, seus valores expressivos, seu modo de emprego, seu grau de especialização em diferentes níveis etc.

Percebemos dessa maneira, que as obras lexicográficas podem trazer uma grande quantidade de informações sobre os itens léxicos de uma língua, sendo úteis para questões de leitura e produção de textos, além de poderem ampliar o conhecimento (meta)linguístico e enciclopédico dos consulentes. Tal potencial não passou despercebido e os dicionários começaram a ser concebidos também como obras pedagógicas. Nesse sentido, eles passaram a fazer parte da lista do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD – desde 2001.

2.1 Sobre o dicionário escolar

Os dicionários podem apresentar várias classificações ao levarmos em conta aspectos como suas características estruturais e seu público alvo.

Os dicionários voltados para estudantes da educação básica são denominados de dicionários escolares, pois, segundo Pontes (2009), estes se apresentam como “obras monolíngues usadas por escolares que se encontram em fase de aprendizagem de sua própria língua”.

De acordo com Rangel (2012, p. 39), os dicionários escolares foram divididos pelo MEC em quatro tipos, cada um voltado para fases específicas do aprendizado. São eles: o dicionário tipo 1 – 1º ano do Ensino Fundamental; o tipo 2 – 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental; tipo 3 – 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; e tipo 4 – 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Os dicionários que se enquadram em cada um desses tipos possuem estruturas semelhantes, com proposta pedagógica e estrutura pensadas para atender às necessidades de aprendizagem de seu público alvo.

Os dicionários analisados neste estudo foram estruturados para se encaixar no tipo 3. Esse tipo traz em sua nomenclatura entre 19.000 e 35.000 verbetes; dificilmente recorrem a ilustrações; incluem todas as classes de palavras; tem uma estrutura do verbo mais complexa que o tipo 1 e 2; trazem mais informações linguísticas das palavras; suas definições trazem uma linguagem mais impessoal, especializada ou técnica (RANGEL, 2012, p. 32). Em resumo, se aproximam mais dos dicionários gerais tradicionais,

mas apresentam proposta pedagógica voltada para as fases finais do Ensino Fundamental.

2.2 Sobre a microestrutura

O dicionário, entendido como um gênero, contém em sua estrutura, dentre outros gêneros, o verbete. Este compreende a palavra-entrada e a microestrutura, que, por sua vez, corresponde a todo o texto que vem depois da palavra-entrada e consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, após a entrada, dentro de cada verbete (PONTES, 2009). Para Lehmann e Marin-Berthrt (1998 apud PONTES, 2009, p. 95), “paradigma se define como sendo cada elemento de informação referente às unidades léxicas. Assim, a etimologia, as informações fonéticas, a definição são exemplos de paradigmas”.

Em relação a esses paradigmas, Barbosa (1990 apud PONTES, 2009) propõe uma divisão da microestrutura em três macroparadigmas, a seguir:

Paradigma informacional, no qual podem ser encontradas diversas informações sobre o termo definido como a categoria gramatical, o gênero, o número, a conjugação, a pronúncia, as abreviações, os homônimos, os campos léxico-semânticos e outros;

Paradigma definicional, no qual podem ser encontrados um ou mais semas. É nesse paradigma que encontramos a definição propriamente dita. Na definição encontramos, dentre outros aspectos, as características particulares do termo definido;

Paradigma pragmático, no qual podem ser encontradas uma ou mais classes contextuais. É nesse paradigma que encontramos os exemplos de uso, a marcação temática etc.

Concentraremos nossas análises no paradigma definicional, pois é nele que encontramos as características específicas dos termos definidos, e cuja apresentação, dentre outros aspectos, como defenderemos, estabelece efeitos de prototipicidade.

3 Sobre a teoria dos protótipos

A categorização é o processo cognitivo através do qual identificamos, agrupamos e nomeamos entidades do mundo, situações, ações etc. Dessa maneira, a categorização configura-se como um processo de extrema importância, pois está presente nas mais diferentes esferas da atividade humana e estas dela dependem. Nas palavras de Lakoff (1987) “sem a habilidade de categorizar, simplesmente não poderíamos funcionar, seja no mundo físico ou nas nossas atividades sociais e intelectuais” (tradução nossa)¹. Trata-se, pois, não apenas de algo inerente à linguagem, mas ao próprio ser humano.

Eleanor Rosch, no âmbito da Psicologia Cognitiva, investigou importantes questões relacionadas à categorização. A partir de tais estudos, ela elaborou o que passou a ser conhecido como *Teoria dos Protótipos*, que afirma que as categorias apresentam membros mais prototípicos, ou seja, exemplares mais representativos dessas categorias. Essa teoria teve forte repercussão nas demais ciências cognitivas, como a Linguística Cognitiva. Tanto que, hoje, esta acomoda em seu arcabouço teórico muitos dos pressupostos de Rosch sobre a categorização. Ao falar desse fenômeno sob o viés da Linguística Cognitiva, Silva (1997, p. 03) discorre:

A Linguística Cognitiva diz que a categorização linguística se processa, geralmente, na base de protótipos (exemplares típicos, mais representativos, ou, melhor, representações mentais destas entidades) e que, conseqüentemente, as categorias linguísticas apresentam uma estrutura prototípica (baseada em protótipos).

Contudo, ainda podemos nos perguntar: como identificar a prototipicidade? Muito é discutido e teorizado sobre esse tipo de indagação atualmente e uma série de fatores ainda são incertos, como o grau de influência de fatores biológicos e culturais sobre esses processos. Contudo, alguns autores lançam luz sobre o tópico. Aragão Neto (2008, p. 43) nos

¹“without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives”.

direciona a chegar a uma resposta. Ele escreveu o seguinte:

Rosch mostrou [...] que há membros mais, e outros menos, representativos de uma categoria: para a categoria ave, por exemplo, *canário* e *pombo* estão entre os membros mais prototípicos, e *avestruz* e *pinguim* entre os menos.

A partir de tal afirmação, podemos pensar que elementos presentes nessas categorias nos permitiriam perceber essa relação de prototipicidade.

Um termo chave é trazido por Ferrari (2010, p. 40) ao discorrer sobre a diferença entre categorias básicas e superordenadas: o de *atributos definidores*. É interessante salientar que os atributos definidores não constituem condições necessárias e suficientes para que o membro de uma categoria a ela pertença. Essa denominação refere-se às características atribuídas aos membros de uma determinada categoria e se configuram como critérios para a identificação de entidades como pertencentes a uma determinada categoria. Nesse sentido, poderíamos listar atributos definidores da categoria supracitada *ave*: ter bico, ter asas, ter dois pés, ter penas, por ovos, ser capaz de voar etc. As categorias de aves que apresentam a maior parte desses atributos, como *canário* e *pombo*, que apresentam todos os aspectos acima, seriam as mais prototípicas, enquanto que as que apresentam menos, como *avestruz* – que não voa - e *pinguim* – que não voa ou tem penas -, seriam menos prototípicas – *periférico* é o termo usado. Encontramos, aí, uma resposta plausível para a questão suscitada acima. Entretanto, é interessante ressaltar que a prototipicidade também depende do contexto cultural. Pessoas que cresceram em lugares predominantemente rurais, onde é comum a criação de galinhas e patos, podem tê-los como membros mais prototípicos para a categoria ave.

Antes de Rosch, os membros pertencentes a uma categoria gozavam do mesmo *status de igualdade*. Tal noção, herança do pensamento aristotélico, não resistiu ao crivo das investigações roschianas. A partir de então, os membros de uma determinada categoria passaram a ser entendidos numa relação de não igualdade.

Ora, se a categorização é um processo inerente à linguagem e ao ser humano, é plausível esperar que esta se apresente nas mais diversas manifestações da linguagem, incluindo, dessa maneira, o dicionário. Quanto a isso, Geeraerts (2007) também atentou para sua presença no dicionário. Ele demonstra que a presença na definição de alguns advérbios como *geralmente*, *tipicamente* e *normalmente* apontariam para a não igualdade entre os membros de uma mesma categoria, pois indicam que nem sempre uma determinada característica atribuída a uma categoria é apresentada por todos os seus membros. Esses elementos seriam traços relativizadores. Esse também seria um fator através do qual a prototipicidade se manifestaria nos verbetes.

Dessa maneira, nos utilizaremos dessas noções de categorização e de prototipicidade neste trabalho. Logo a seguir, problematizaremos a categorização no paradigma supracitado da microestrutura, em outras palavras, sobre a possibilidade encontrarmos efeitos de prototipicidade no paradigma em questão.

3.1 Sobre a categorização na microestrutura

Nesse ponto, nossa proposta é problematizar a categorização na microestrutura, mais especificamente, no paradigma definicional, no qual encontramos, como dito anteriormente, a definição. Contudo, antes se faz necessário refletir, embora brevemente, sobre a própria natureza da definição lexicográfica.

É interessante salientar que a definição assume diferentes configurações de acordo com a categoria gramatical das palavras. Por exemplo, a definição de um substantivo é distinta da definição de um adjetivo. Discorreremos com mais detalhes apenas sobre a definição de substantivos concretos, pois o nosso *corpus* é composto por eles.

Ao escrever sobre o tema, Pontes (2009, p. 164) afirma que “os substantivos concretos definem-se por meio de um substantivo genérico (arquilexema), seguido de características

especificadoras do nome a definir. Este é o tipo de definição mais importante”.

Pelo que foi exposto acima, percebemos que, quando nos deparamos com uma definição, estamos diante do fenômeno da categorização. Dessa forma, ao definir um substantivo, o dicionarista está de fato “categorizando”, ou melhor, estaria “passando para a escrita” a representação mental de uma categoria. Essa constatação abre margem para pesarmos a prototipicidade na microestrutura. Nesse caso, cabe investigar de que maneira isso se dá no dicionário.

Como mencionado acima, Geereartz aponta alguns advérbios como elementos que revelariam a prototipicidade. Contudo, nesse artigo procuramos mostrar outros elementos presentes na definição que também podem apontar para a existência no fenômeno no verbete.

Para visualizar melhor de que maneira isso acontece, vejamos um exemplo retirado do dicionário *Aurélio Júnior* (FERREIRA, 2011, p. 683):

pi.lu.lasubst, fem. 1. Medicamento em forma de bolinha sólida, para uso por via oral. (...) (grifos nossos).

Em termos metalexográficos, percebemos grifado em verde o arquilexema *medicamento*, que configura-se como um descritor genérico. Em seguida, destacados em vermelho, encontramos *forma de bolinha sólida* e *uso por via oral*, que se configuram como características específicas do termo definido.

Já pelo viés da Teria dos Protótipos, os mesmos elementos podem ser pensados como atributos definidores da categoria em questão e procurar identificá-los na definição. Nesse sentido, podemos listar: ser redondo; ser sólido; e ser usado por via oral. Podemos, também, incluir como atributo “ser um medicamento”. Ao fazer isso acabamos de identificar alguns dos atributos definidores da categoria *pílula*. Outra forma de encarar o assunto seria identificar os atributos definidores de medicamento e acrescentá-los a *pílula*. Contudo, medicamento também é um substantivo, o que significa que provavelmente encontraríamos em sua

definição outro arquilexema, cuja definição poderia levar a outro arquilexema e assim poderia se dar por vários verbetes.

Durante as análises, é justamente esse o percurso que faremos pelo verbete a fim de nele identificar elementos que apontem para a existência de efeitos de prototipicidade na sua microestrutura.

4 Metodologia

Com finalidade descritiva, coletamos 5 verbetes, um de cada um de cinco dicionários, para compor nosso *corpus* de análise.

O material de análise foi coletado dos dicionários escolares *Dicionário didático de Língua Portuguesa* (ARAÚJO, 2011), *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras* (BECHARA, 2011), *Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo de língua portuguesa* (GEIGER, 2011), *Aurélio Júnior* (FERREIRA, 2011), *Saraiva jovem Dicionário da língua portuguesa ilustrado* (OLIVEIRA, 2011) – todos tipo 3.

O *Dicionário didático de Língua Portuguesa* (ARAÚJO, 2011) possui 26.117 verbetes. Contém 43 ilustrações. Em sua nomenclatura, encontramos verbetes pertencentes a todas as classes de palavra. Em seus verbetes, pode-se encontrar expressões, gírias, classes gramaticais, divisão silábica, exemplos de uso, sinônimos e antônimos, separação silábica, tonicidade, etc.

O *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* (BECHARA, 2011) possui 28.805 verbetes. Este dicionário não contém nenhuma ilustração. Todas as classes de palavras são contempladas em sua nomenclatura. Encontramos nos verbetes divisão silábica, tonicidade, classes gramaticais, exemplos de uso, registro de áreas de conhecimento, regionalismos, neologismos, locuções, remissões à conjugação verbal, etc.

O *Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo de língua portuguesa* (GEIGER, 2011) apresenta 29.431 verbetes. 180 ilustrações estão presentes nele. Encontramos neste dicionário verbetes pertencentes a todas as classes de palavra. Encontramos, ainda, os seguintes tipos de

informação: exemplos de uso, separação silábica, regionalismos, tonicidade, sinônimos e antônimos, homônimos e parônimos, achegas enciclopédicas, plurais, femininos, aumentativos, diminutivos, superlativos irregulares, etc.

Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011) traz 30.373 verbetes. Esse dicionário não traz nenhuma imagem como componente dos verbetes. Apresenta todas as classes de palavras. Ele traz os tipos de informações listados a seguir: separação silábica, exemplos de uso, indicações de áreas do conhecimento, flexões de gênero e número, regência, ortoépia, transcrição de estrangeirismos,

Saraiva jovem Dicionário da língua portuguesa ilustrado (OLIVEIRA, 2011) traz 19.214 verbetes. Este dicionário apresenta mais de 500 imagens fotográficas e ilustrações. Itens léxicos de todas as classes de palavra nele estão presentes. Nos verbetes, apresentam-se os seguintes tipos de informação: divisão silábica, tonicidade, expressões, exemplos de uso, classe gramaticais, indicação de transitividade verbal, indicação de áreas do conhecimento, plurais irregulares e de palavras compostas, superlativos, sinônimos e antônimos, registro de formalidade de uso, regionalismos. Encontramos ainda 70 tirinhas com função contextualizadora.

Com finalidade contrastiva, todos os verbetes coletados são do mesmo item lexical: ave. Em cada definição identificamos os elementos apresentados como característicos das entidades definidas, a fim de evidenciar que nem todos os membros das categorias definidas apresentam necessariamente todos os atributos definidores da categoria.

5 Análise dos verbetes

A seguir apresentamos um quadro os verbetes da palavra *ave* retirados de cada um dos dicionários analisados.

Quadro de verbetes	
D1	ave<a.ve>s.f. 1 Animal vertebrado ovíparo, de respiração pulmonar e sangue quente de temperatura constante, que tem bico, corpo coberto de plumas, e duas patas e duas asas que geralmente lhe permite voar. (...). (ARAÚJO, 2011, p. 95) (grifonosso)
D2	ave ¹ (a.ve) s.f. Animal vertebrado, de bico córneo, com a pele coberta de penas e os membros anteriores transformados em asas (...) (BECHARA, 2011, p. 183) (grifonosso)
D3	ave (a.ve) sf. Zool. Animal vertebrado, coberto de penas e dotado de bico, asas e dois pés, que se reproduz por meio de ovos. (...). (GEIGER, 2011, p. 91) (grifonosso)
D4	A.ve subst. fem. Ciências naturais Espécime das aves, classe de animais vertebrados, ovíparos, cuja pele é revestida de penas, os membros anteriores são transformados em asas, e a boca se prolonga em bico; são desprovidos de dentes. ◆ Ave de rapina. A que tem garras fortes e bico adunco, próprios para caçar, dilacerar a carne, etc. Ave marinha. A que se alimenta de especialmente de organismos marinhos. Ex. pinguim, albatroz, gaivota. (FERREIRA, 2011)
D5	ave (a.ve) sf. Biol Classe de animais vertebrados com asas, penas e bico, que se reproduzem botando ovos (<i>Do beija-flor ao avestruz, todas as aves tem asas, mas nem todas voam.</i>). (OLIVEIRA; SARAIVA, 2011, p. 98) (grifonosso)

Legenda: D1 – *Dicionário Didático*; D2 – *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*; D3 – *Caldas Aulete*; D4 – *Aurélio Júnior*; D5 – *Saraiva Jovem*

Ao analisar o paradigma definicional do verbo *ave* no D1, encontramos, como previsto para esse tipo de verbo, um arquilexema – *animal vertebrado ovíparo* - e características particulares do item definido – *de respiração pulmonar, sangue quente de temperatura constante, tem bico, corpo coberto por plumas, duas patas, duas asas que geralmente lhe permite voar*-, que, por sua vez, podem ser identificados como atributos definidores da categoria.

Enquanto atributos definidores, podemos reestruturar as informações contidas no verbo da seguinte maneira: (1) ser um animal, (2) ser vertebrado, (3) ser ovíparo, (4) ter respiração pulmonar, (5) ter sangue quente de temperatura constante, (6) ter bico, (7) ter plumas, (8) ter duas patas, (9) ter duas asas, (10) ser geralmente capaz de voar.

Chamamos, de antemão, a atenção para o atributo 10, onde encontramos a advérbio *geralmente*, que indica que nem todos os membros da categoria *ave* são capazes de voar. Isso indica, de maneira mais explícita, a não igualdade entre os membros da categoria, em outras palavras, indica que o atributo é prototipicamente pertencente aos membros da categoria, mas não a todos.

Ao analisar os demais atributos, encontramos que a definição do D1 foi feita baseando-se em protótipos de aves.

Veja-se, por exemplo, o atributo 7, que é conferido à categoria, embora nem todos os membros tenham plumas, como é o caso do pinguim, que não as apresenta. Da mesma maneira, encontramos o atributo 9, que não se apresenta em todas as aves, pois novamente o pinguim foge a regra, uma vez que seus membros anteriores constituem nadadeiras e não asas.

No verbete retirado do D2, encontramos *animal vertebrado* como arquilexema e, *bicocórneo*, *pele coberta de penas*, *membros anteriores transformados em asas* como características específicas do termo definido. Tais elementos podem enquanto atributos definidores ser reestruturados da seguinte maneira: (1) ser um animal, (2) ser vertebrado, (3) ter bico córneo, (4) ter pele coberta de penas, (5) ter asas.

Novamente, encontramos como atributos ter penas (4) e asas (5), que, como demonstramos anteriormente, indicam que a definição foi feita com base em protótipos, pois nem todas as aves os apresentam. Nesse verbete não encontramos em nenhum momento a relação de prototipicidade entre os membros da categoria de maneira clara – com a apresentação de advérbios que explicitem isso-, pois precisamos recorrer ao nosso conhecimento de mundo para chegar a tal conclusão, refazendo, por exemplo, o raciocínio seguido para pinguim.

No verbete do D3, o arquilexema identificado foi *animal vertebrado*, e as características específicas foram, *coberto de penas*, *dotado de bico*, *asas*, *dois pés*, *se reproduz por meio de ovos*. Reestruturadas como atributos definidores temos: (1) ser um animal, (2) ser vertebrado, (3) ter penas, (4) ter bico, (5) ter asas, (6) ter dois pés, (7) reproduzir-se por meio de ovos.

É recorrente nos verbetes a presença dos atributos ter penas (3) e ter asas (5). Como demonstrado anteriormente, tais elementos presentes na definição apontam para sua base prototípica do verbete.

No D4, temos como arquilexema *espécime das aves* e como características específicas temos *classe de animais vertebrados*, *ovíparos*, *pele revestida de penas*, *os membros anteriores são transformados em asas*, *a boca se prolonga em bico*, *são desprovidos de dentes*. Ao reestruturar essas informações como atributos definidores nós temos: (1) ser um animal, (2) ser vertebrado, (3) ser ovíparo, (4) ter pele revestida de penas, (5) ter asas, (6) ter bico, (7) ser desprovido de dentes.

Além de ter penas (4) e ter asas (5), encontramos nesse verbete outros elementos que indicam a não igualdade entre os membros da categoria *ave*, a saber, as fraseologias *ave de rapina* e *ave marinha*. Cada uma recebe uma definição própria, que pressupõem a recuperação pelo

leitor das características apontadas para *ave* seguidas de informação específicas sobre as fraseologias. Tais elementos presentes na microestrutura do verbete constituem pistas que evidenciam mais uma vez a não igualdade entre os membros da categoria.

Finalmente, no verbete do D5, o arquilexema é *classe de animais vertebrados* e as características específicas são *com asa*, *pena e bico*, e *que se reproduzem botando ovos*. Ao reestruturá-los como atributos definidores, temos: (1) ser um animal, (2) ser vertebrado, (3) ter asas, (4) ter penas, (5) ter bico, (6) reproduzir-se por meio de ovos.

Nesse último verbete analisado, encontramos mais uma vez como atributo definidor ter asas (3) e ter penas (4). Já demonstramos nas análises anteriores que estes atributos constituem indicadores de prototipicidade.

Posto isso, podemos seguir para próxima sessão, onde apresentamos resultados e discussão dos dados.

6 Considerações finais

Pudemos compreender que a nossa hipótese inicial se comprovou com as análises. Em todos os cinco verbetes analisados foram encontrados elementos que nos permitem afirmar ser possível encontrar, nos cinco dicionários tipo 3 do PNLD 2012, definições baseadas em protótipos.

Percebemos que, além de advérbios, apontados em Geereartz (2007) e fraseologias, apontadas neste trabalho, os elementos que nos direcionam para a percepção desse fenômeno podem ser as características específicas dos itens léxicos definidos. Características essas que se confundem com os atributos definidores dos termos descritos encontrados no paradigma definicional. Acreditamos que o fenômeno pode ser encontrado também no paradigma informacional e pragmático, embora de diferentes formas, dadas as finalidades específicas de cada paradigma.

Nesse sentido, encontramos bases que apontam que o dicionário, ao definir, realiza uma forma de categorização. Uma hipótese da razão pela qual isso aconteceria seria que a categorização é, como fortemente defendida por Lakoff (1987) e Aragão Neto (2008), uma das bases centrais que permitem a linguagem humana ser possível. Contudo, o dicionário apresenta milhares de definições e apenas mais pesquisas podem dizer qual a representatividade que a prototipicidade tem dentro dos dicionários analisados e até que ponto esses resultados apontam para os dicionários em geral.

Referências

ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros. Categorização: dá para não fazê-la? *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 5, n. 2, jul. dez., p. 37-67, 2008.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, Dirk. *Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things*. What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

PONTES, Antonio Luciano. O dicionário na sala de aula: saberes e aplicações. In: _____; COSTA, Maria Aurora Rocha (Org.). *Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor*, v 2. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. p. 27-59.

PONTES. *Dicionário para uso escolar: o que é como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RANGEL, Egon de Oliveira. *Com direito à palavra: Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2012.

SILVA, Augusto Soares da. Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, n. 1, p. 59-101, 1997.

Fontes de pesquisa:

ARAÚJO, Rogério de. *Dicionário didático de Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições SM, 2011.

BECHARA, Evanildo Cavalcante. *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

GEIGER, Paulo. *Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior: dicionário escolar de língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2011.1

OLIVEIRA, Rogério Carlos Gastaldo de; SARAIVA, Kandy Sgarbi de Almeida. *Saraiva jovem Dicionário da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.